

DO AUTOR *BESTSELLER* DE *A MORTE DO PAPA*

NUNO NEPOMUCENO

O CARDEAL

ASSASSINO
SACERDOTE
AMANTE


cultura

**ESCRITOR IMPLICADO EM HOMICÍDIO MISTERIOSO.
CORPO ENCONTRADO NAS MARGENS DO RIO CAM.
CARDEAL BARBARAMENTE ASSASSINADO.**

QUEM MATOU LAURA EMANUEL?

A pacata cidade de Cambridge estremece, ao ser confrontada com os pormenores monstruosos do crime. Mas tudo piora quando uma criança desaparece a caminho da escola. O menino é encontrado numa mata, nu e estrangulado. Adam Immanuel, um escritor inglês, é visto a fugir do bosque. E todos, exceto uma jornalista e um professor universitário, acreditam que é culpado.

Simultaneamente, um cardeal chega à Cidade do Vaticano num ambiente de grande polémica. O novo Papa foi assassinado, o mundo prepara-se para mais um conclave e um delator continua a publicar informações comprometedoras sobre a Santa Sé. Todavia, será que o religioso recém-chegado veio para ficar? Porque esconde a associação a um assassino profissional? Será ele capaz de resistir à aproximação de uma bela, mas nada inocente, mulher?

Após *A Morte do Papa*, Nuno Nepomuceno regressa finalmente e apresenta-nos *O Cardeal*. Passado entre Cambridge e a Cidade do Vaticano, inspirado em crimes reais, este *thriller* envolve-nos numa espiral psicológica perturbadora, que só Nuno sabe criar. Um livro arrebatador e de leitura compulsiva.

Também disponível em e-book


**infinito
particular**
Criatividade
à medida

ISBN 978-989-9039-14-8




cultura

* É outra
história.

IP
101

CE
093

“

O cardeal continuou a andar, enveredando pelo caminho interior da colunata de Bernini. As pessoas que via na Praça dividiam-se. Umas permaneciam imóveis, admirando a imponência da basílica; outras entravam e saíam dela, motivadas pelo anseio de encontrar alguma paz e conforto espiritual, ou simplesmente pela curiosidade; algumas oravam, cantando ou rezando baixinho, sentadas ou de pé.

ESCRITOR IMPLICADO EM HOMICÍDIO BÁRBARO
CORPO ENCONTRADO NAS MARGENS DO RIO CAM
CARDEAL BARBARAMENTE ASSASSINADO

QUEM MATOU LAURA EMANUEL?

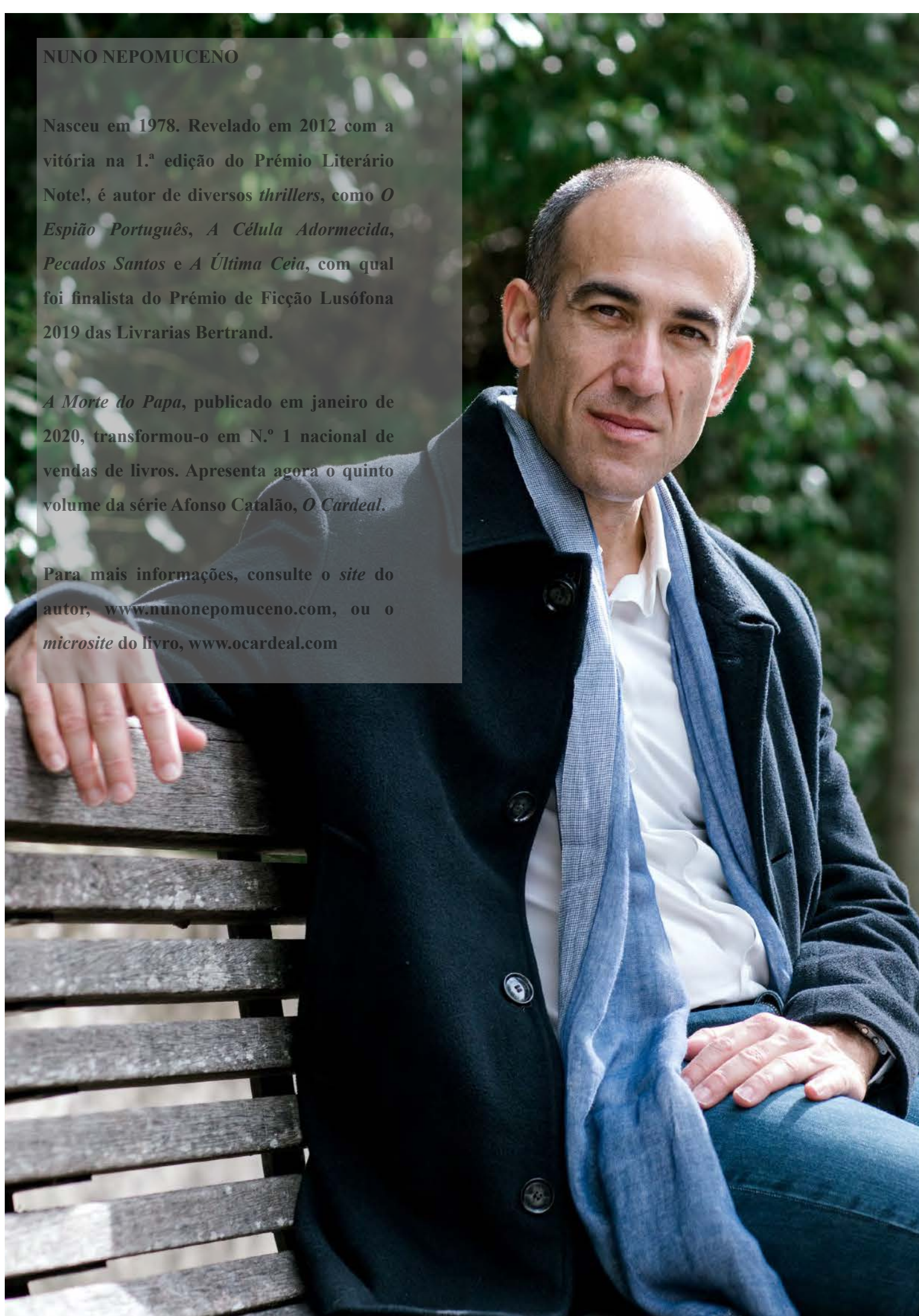


NUNO NEPOMUCENO

Nasceu em 1978. Revelado em 2012 com a vitória na 1.ª edição do Prémio Literário Note!, é autor de diversos *thrillers*, como *O Espião Português*, *A Célula Adormecida*, *Pecados Santos* e *A Última Ceia*, com qual foi finalista do Prémio de Ficção Lusófona 2019 das Livrarias Bertrand.

A Morte do Papa, publicado em janeiro de 2020, transformou-o em N.º 1 nacional de vendas de livros. Apresenta agora o quinto volume da série Afonso Catalão, *O Cardeal*.

Para mais informações, consulte o *site* do autor, www.nunonepomuceno.com, ou o *microsite* do livro, www.ocardeal.com



o cardeal
nuno nepomuceno



Uma marca



info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—
© Nuno Nepomuceno e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *O Cardeal – Assassino. Sacerdote. Amante.*
Autor: Nuno Nepomuceno

Revisão: Paula Caetano
Paginação: Cultura Editora
Capa: Vera Braga
Imagem de capa: © Shutterstock
Fotografias do autor por Marisa Martins. © Marisa Martins e Nuno Nepomuceno

O livro *O Cardeal* é inspirado em crimes reais. Os nomes e acontecimentos narrados foram alterados pelo autor, de modo a proteger a identidade e privacidade dos envolvidos.

ISBN: 978-989-9039-14-8
1.ª edição: janeiro de 2021
Impressão e acabamento: Eidal – Indústria Gráfica S.A.
Depósito legal: 477449/20
Formato: 15x23 cm

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cambridge, Reino Unido

Andy era uma criança de muitos segredos. Havia aqueles que fingia não ouvir, que aconteciam todas as noites no quarto ao lado do seu, quando a mãe se deitava com o padrasto; os que fantasiava na cabeça, sempre que um dos colegas o ridicularizava numa aula, quando não conseguia aprender; e os outros, que não lhe pertenciam, mas que vivia intensamente, testemunhando-os de cada vez que espreitava pela claraboia do sótão com vista para a casa da frente.

Foi num dos dias em que se fechara lá em cima que Andy desapareceu. Desceu do seu esconderijo e trancou cuidadosamente o alçapão, deixando nas águas-furtadas todos os segredos que via acontecerem a partir do seu refúgio. Regressou ao quarto, onde despiu o pijama, se vestiu e pegou na mochila, colocando-a às costas. Reconstituiu a Polícia que terá ainda passado pela cozinha, preparando o pequeno-almoço: leite frio sem açúcar e uma fatia de pão duro com compota, a única coisa que sabia fazer. Depois, saiu. Não levou almoço. Não havia.

Andy não teve oportunidade de se despedir da mãe. Naquela manhã fria de inverno, descobriu-se rapidamente que nem ela, nem o homem que a maltratava, estavam disponíveis para ele. Caminhou

pela rua pedonal, em direção à paragem de autocarro. Apesar do sol tímido que o acompanhava, a calçada apresentava-se coberta de neve e soprava um vento gelado, que lhe queimava as faces rosadas.

Era o que se poderia chamar um menino bonito, daqueles que despertam nos homens que convivem com segredos que não podem ser contados, desejos e sentimentos que devem ficar por consumir. O cabelo louro, apesar de mal lavado, fugia-lhe para a testa em farripas grossas, e os olhos grandes, azuis e cristalinos, davam-lhe um ar inocente. O rosto era redondo, quase como o de um querubim, e o corpo desenvolvera-se ligeiramente mais do que o esperado para uma criança da sua idade. Tinha seis anos.

Mas o que mais incomodou as autoridades na investigação que fizeram sobre ele foi aperceberem-se do desinteresse e do pouco amor que lhe dedicavam. Ninguém se importava com o que pudesse acontecer-lhe.

Andy terá esperado cerca de dez minutos junto à paragem. Pelo menos, foi o que relataram à Polícia as testemunhas que o viram por ali, vizinhos distantes, homens e mulheres a caminho do trabalho, alguns estudantes e até uma rapariga de carapuço garrido na cabeça, que pedalava numa bicicleta pasteleira, com um monte de cadernos e livros a saltitarem no cesto. Até que apareceu o autocarro que haveria de levá-lo à escola. E ele entrou.

Sentou-se como habitualmente na fila de trás, sem ninguém ao seu lado. As outras crianças ignoraram-no. Enquanto o veículo arrancava, os olhos inocentes fitaram pela última vez a rua. Parecia idílica, quase retirada de um postal. As fachadas eram de tijolo vermelho, e as janelas, de ferro preto, contrastando com as cantarias brancas. Havia um prédio baixo, localizado em frente à sua casa, ao pé do qual ele gostava de parar, só para sentir o cheiro reconfortante a chá e bolos acabados de fazer. Fazia-o sonhar.

O autocarro continuou o seu percurso, parando ocasionalmente em muitos outros locais da bonita cidade universitária. Foram entrando alguns meninos e meninas. Quando chegaram à paragem da escola, todos saíram, correndo felizes até ao portão.

Andy não estava entre eles.

O CARDEAL

O cadáver foi encontrado ao fim da tarde do dia seguinte, já o Sol descia sobre a cidade e o frio começava a correr velozmente pelas ruas.

Andy fora deixado sob uma árvore antiga, num bosque minúsculo que existia junto à estrutura de madeira que atravessava o rio Cam e unia o Lado Escuro ao Luminoso de Queens' College, a Ponte Matemática.

Contudo, o corpo apresentava poucos sinais de ter sofrido uma morte calculada. Estava cinzento, nu, com marcas de um estrangulamento violento e passional espalhadas pelo pescoço.

Andy deixou o mundo, levando com ele uma mão-cheia de segredos.

Sozinho, como a criança infeliz que era, a única companhia que teve no seu último momento foi a do canteiro de flores vermelhas ao seu lado.

Eram cardeais.

«A vida — para aquelas que fazem sentido — é como subir uma montanha. Quando avançamos até ao primeiro patamar da colina, encontramos uma nova ladeira e, depois, um outro pico, e a altura que teremos de atingir parece infinita.

Mas, à medida que ascendemos, descobrimos que o ar se torna mais puro e acolhedor, que as nuvens se amontoam mais por baixo do que por cima de nós, que o Sol é mais cálido do que antes, e que temos não só uma visão mais clara do céu, como ganhamos uma visão mais clara sobre a Terra, e que o nosso horizonte se expande perpetuamente.»

Reverendo Endicott Peabody
Sermão

Preâmbulo

FEVEREIRO

Ponte de Clare, Cambridge, Reino Unido

Era difícil distinguir se a mancha carmesim que fora detetada na neve pela rapariga que estava de pé, à entrada da ponte, provinha do amontoado de pétalas vermelhas que existia no canteiro de flores de inverno, ou do sangue que tingia o cadáver humano que a Polícia acabara de descobrir.

O corpo foi encontrado numa manhã gélida. Os ramos das árvores tombavam sobre o rio Cam, cobertos de branco, vergados sob o peso deixado pelo nevão que durante a noite fustigara a cidade. A relva e demais vegetação, outrora cheia de cor e brilho, pespontava, sobressaindo ocasionalmente no meio do manto uniforme e alvo que se estendia ao longo das margens.

E ali, perante aquele grupo aflito de homens e mulheres fardados de preto, que corriam com dificuldade sobre a neve, seguindo as gotas de sangue como se fossem migalhas dos despojos de uma vida perdida, o curso de água seguia, plácido e sereno, escondendo entre os seus murmúrios os segredos horríveis que dias antes tinham estado na origem do crime hediondo agora revelado.

Jack, o chefe da equipa, continuou a correr e só parou quando chegou ao rio. Tinha muitos anos de experiência como inspetor na Polícia de Cambridgeshire, a força territorial de autoridade que

cobria o condado no qual se inseria a cidade universitária. Todavia, nada o preparara para aquilo que encontrou. Uma sensação de náusea formou-se imediatamente, fazendo com que soçobrasse. O cenário era bárbaro. Prostrado, de joelhos enterrados na neve e as mãos apoiadas nas coxas, começou a vomitar.

Atrás dele, sob o olhar inquieto da rapariga que descobrira o cadáver, guiado por dois agentes de patente inferior, um homem estugava o passo como podia. Ao lado do agente da autoridade, depositada entre a berma e a água, estava a cabeça decepada de uma mulher.

Junto aos portões que davam acesso à Ponte de Clare, numa posição mais elevada, Lizzie apercebeu-se do movimento na margem do rio. Resignada, encostou-se ao carro da Polícia e aceitou a caneca de chocolate quente que a agente que a acompanhava lhe ofereceu. Sentia-se enregelada e desconcertada, sem saber muito bem o que acabara de lhe acontecer.

Era franzina, uma mulher pequena. Usava na cabeça um gorro às riscas colorido, por baixo do qual fugiam as pontas espetadas e lisas do cabelo escuro que lhe dava pela linha do maxilar. No entanto, a fragilidade que emanava vinha sobretudo do ar apático com que de vez em quando contemplava o pneu rebentado da bicicleta que encostara ao gradeamento de ferro preto.

Apenas quisera ir trabalhar, mais nada, até embater no primeiro bocado. Estendida no chão, com as roupas molhadas, a pasteleira tombada sobre o piso húmido, o cesto partido, e os livros e os cadernos espalhados pelos detritos de gelo e neve que teimavam em não desaparecer, olhara, espantada, para o obstáculo que a fizera perder o equilíbrio e cair. Parecera-lhe um tronco de árvore, um ramo mais antigo e frágil, que, como um pássaro fugido do ninho, se desprendera da mãe e voara debilmente, aterrando no chão.

Mas não, aquilo não era madeira.

Tratava-se de um membro humano.

Lizzie desviou o olhar, tentando afastar do pensamento a imagem que a atormentava, enquanto se distraía com a paisagem envolvente.

Tinha na extremidade oposta da ponte a fachada clássica e dourada de Clare College, bem como parte da capela gótica da de King's. Via-se muita neve a cobrir os telhados e grande parte dos candeeiros permanecia acesa, um sinal de que a cidade ainda dormia, acordando lentamente, incauta para aquilo na companhia do qual estava a despertar.

Um homem corpulento, cujo casaco escuro com botões prateados escondia habilmente a falta de forma física, emergiu das escadas. Vinha do caminho de terra junto ao rio, subindo até aos portões de ferro. Tinha sobranceiras ruivas, usava na cabeça um boné com uma fita axadrezada, era de meia-idade e dirigiu-se a ela com um ar abalado, de quem estava maldisposto, ou enjoado.

Lizzie tentou deduzir pela observação dos galões que usava presos nos ombros da farda qual seria a sua patente, mas foi desnecessário. O inspetor Jack McCallister da Polícia de Cambridgeshire apresentou-se.

Os resultados ainda estavam sujeitos a confirmação, mas a identificação preliminar fora bem-sucedida. Tinham recolhido a cabeça da vítima. Levando em conta tudo o que acontecera em Cambridge nos últimos dias, existia uma grande probabilidade de pertencer a uma idosa, uma das várias figuras ricas e proeminentes que integravam a elite da cidade.

Lizzie agarrou com mais força a caneca quente que segurava. Os grandes olhos verde-escuros fitaram o polícia, atentos ao nome que lhe era dito. Os dedos, que tinham começado a ganhar cor, arrefeceram rapidamente, tornando-se lívidos, gelados.

Sentiu uma tontura, as pernas a fraquejarem. Depois, só teve vontade de chorar.

Tratava-se de Laura Emanuel.

Alguém desmembrara a sua tia.

E a deixara espalhada pelas margens do rio Cam.

Cambridge, Reino Unido

Assim que se recompôs, Lizzie foi levada para a esquadra local. Não havia necessidade de ir para Huntingdon, a cidade vizinha onde se localizava o quartel-general da Polícia do condado de Cambridgeshire. Precisavam de recolher o seu depoimento. Estava duplamente relacionada com o homicídio: a vítima era sua tia e até bem recentemente vivera consigo; fora ela quem encontrara o cadáver.

A oficial destacada para acompanhá-la apanhou os livros e os cadernos que Lizzie carregava no cesto da pasteleira antes de cair, colocou-os num saco de plástico barato, que depositou ao seu lado, no banco traseiro do automóvel, e solicitou a um colega que tratasse da bicicleta. Pediu à rapariga que entrasse e se sentasse. Iam-se embora. Um grupo significativo de agentes, no qual se incluía Jack, ficaram na margem do rio. Havia muito trabalho por fazer; provas a procurar; vestígios, indícios e outras pistas por recolher.

Lizzie nunca entrara num carro da Polícia. Agarrou nos livros e nos cadernos, e apertou-os sofregamente contra o peito, em busca de conforto, ou de algo que simplesmente lhe parecesse familiar. Nas suas costas, emoldurada pelos portões de ferro preto, a fachada clássica de Clare College tornava-se cada vez mais pequena, perdendo-se atrás dela, enquanto a conduziam pela cidade gelada.

A forma como se deixara afundar no banco traseiro do automóvel, sumindo-se, era uma alegoria da vergonha que sentia. O que iria pensar quem a visse ali dentro? Que crime cometera aquela rapariga de ar jovial e inocente, que só quisera chegar a horas ao trabalho? Era como se fosse a protagonista de uma história de acasos com um desfecho infeliz.

A chegada à esquadra da Polícia também foi, para Lizzie, a primeira vez. Nunca lá entrara, pelo menos, não naquela. Recordava-se de uma ocasião, durante a infância, quando ela e os pais ainda viviam em Londres, em que, determinada, arriscara passar a porta. Queria reportar o desaparecimento do seu gato.

Claro que o *Bubbles*, o nome do animal de estimação, voltara para casa poucos dias depois. Não apresentava quaisquer sinais de maus-tratos; apenas a barriga ligeiramente mais lisa, por mal saber caçar. Mas tirando essa experiência desagradável e a expressão divertida que vira na cara do agente que a atendera, até que não tinha má impressão das autoridades. Faziam o seu trabalho e mantinham-se longe dela, tal como seria de esperar no caso de uma cidadã cumpridora e zelosa das regras.

Lizzie deu entrada na esquadra ao início da manhã, ainda o Sol ia baixo e a neve do telhado insistia em não derreter. Contudo, teve de esperar várias horas até ser ouvida. O inspetor demorou a regressar. Segundo aquilo que conseguiu perceber dos sussurros trocados entre dois agentes em pé que se encontravam por perto, o corpo da tia não fora fácil de recolher, deixado aos bocados ao longo da margem do rio. E faltava o tronco.

Assim que chegou, Jack foi ter com ela e perguntou-lhe se, antes do interrogatório, não queria comer qualquer coisa. Ele sentia-se esfomeado. Mas o único desejo da jovem era que a deixassem ir-se embora. Isso, e que pudesse levar a sua bicicleta à oficina. Como é que iria trabalhar no dia seguinte? Desde que aquele miúdo desaparecera na sua rua que não suportava sequer a ideia de entrar num autocarro.

O detetive anuiu e pediu-lhe apenas cinco minutos, o tempo suficiente para enganar a fome. Sentia o estômago vazio. Por isso, disse à polícia que ficara com ela toda a manhã que a levasse até à sala de interrogatórios. Tinha muito para lhe perguntar.

Era difícil distinguir se a mancha carmesim que fora detetada na neve pela rapariga que estava de pé, à entrada da ponte, provinha do amontoado de pétalas vermelhas que existia no canteiro de flores de inverno, ou do sangue que tingia o cadáver humano que a Polícia acabara de descobrir.

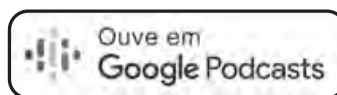


Descobre ainda a prequela
em *podcast* de *O Cardeal*

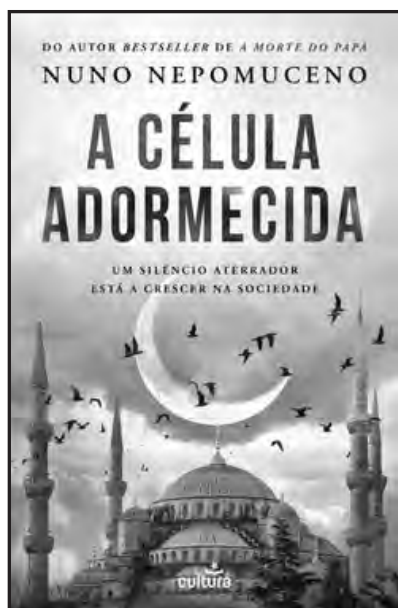
O Assassino

Quando matar é uma religião,
tudo pode acontecer.

Disponível gratuitamente em:
www.oassassino.com



Completa a série *Afonso Catalão*



Encomenda já os restantes títulos da série:
www.culturaeditora.pt

Para ficar a par de todas as
novidades e receber todas
as nossas ofertas especiais,
inscreva-se já no nosso
clube de leitores:



